

'PIB crescerá entre 1 e 4% em 82'

Da sucursal do
RIO

Embora considere muito difícil fazer estimativas precisas sobre o crescimento futuro da economia, o economista José Júlio Senna, professor da escola de Pós Graduação em Economia da Fundação Getúlio Vargas, acredita que para 82, não se deve esperar um aumento superior a 4% do Produto Interno Bruto Maior, cujo crescimento, estimou, certamente variará entre 1 e 4%.

Aritmeticamente — disse — não se pode aguardar resultado melhor, uma vez que a agricultura crescerá no próximo ano, muito menos do que neste, sobretudo por causa da quebra da safra de café, de grande peso no setor. A indústria, que este ano apresentará a maior queda de produção de todo o período de pós-guerra, deverá, mesmo por um efeito estatístico, crescer alguma coisa, mas certamente o aumento ficará abaixo de 5%, acrescentou. "Com esses parâmetros, é praticamente impossível que o PIB consiga aumentar 5% em 82."

Ao abordar as projeções do ministro do Planejamento, Delfim Netto, feitas quinta-feira em Foz de Iguaçu, de que o crescimento econômico será retomado, Senna disse que, no próximo triênio, é possível alcançar um aumento médio anual de 5% desde que as limitações do balanço de pagamentos continuem sendo superadas e a econo-

mia mundial comece a sair do estado de recessão em que se encontra.

Para Senna, a situação no próximo ano será um pouco melhor, por efeito estatístico da comparação com este ano, um dos piores da história econômica do País. Ele estimou, com base nas avaliações do início do último trimestre, que o crescimento do Produto Interno Bruto de 81 ficará entre zero e uma queda de 2%, em função do desempenho da indústria ter sido catastrófico, esperando-se que, até o fim do ano, se consolide uma queda de 9% no produto do setor.

Em sua opinião, as muitas "imprudências" cometidas em 79 e 80 respondem pelo resultado deste ano, sendo razoável esperar que as correções de rumo impostas à política econômica comecem a dar dividendo nos próximos anos.

Para Senna, a provável reação econômica em 82 baseia-se, também, na observação de que o governo já vem, há alguns meses, suavizando a contenção monetária aplicada no início do ano, o que ele qualificou como um pequeno arrependimento. A base monetária (emissão de moeda) havia crescido 48% no período de 12 meses terminado em abril, mas já chegou a 65% no período anual encerrado em outubro. Da mesma forma os meios de pagamento (papel-moeda em poder do público mais os depósitos à vista nos bancos) cresceram 56% até maio, numa base de 12 meses,

passando a 65% de crescimento no ano terminado em outubro. Isso mostra, de acordo com o economista, que o governo permitirá que essas duas variáveis monetárias cresçam 70% em 81 contra uma previsão de 50% no início do ano.

"Como os efeitos da expansão monetária se fazem sentir com uma defasagem aproximada de seis meses, é justo esperar que, a partir de março-abril, comecem a aparecer sinais de reativação da produção e do consumo e, conseqüentemente, do nível de emprego."

ÚLTIMA ALTERNATIVA

O comportamento da produção e da inflação em 82 dependem, portanto, da maior ou menor folga que o governo vier a dar à política monetária. Para Senna, o perfil da política monetária não se deverá alterar, já que, dificilmente, as autoridades poderão realizar cortes substanciais nas despesas, para reduzir o grande déficit público. "Isso é tanto mais problemático quando se trata de um ano eleitoral", observou. Assim, o governo terá de continuar usando fortemente a emissão de títulos para captar recursos no mercado, a fim de cobrir o déficit. Contudo, se forem grandes as dificuldades para colocar no mercado a quantidade muito grande de títulos necessários, só restará a alternativa da emissão de moeda, colocando em risco o controle futuro da inflação, concluiu.